

**CRIAÇÃO LEXICAL –
A PRODUTIVIDADE DA NEOLOGIA SEMÂNTICA NA FALA DO BRASILEIRO**

**LEXICAL CREATION -
THE PRODUCTIVITY OF THE SEMANTIC NEOLOGY IN THE BRAZILIAN'S SPEECH**

Roberta Freitas¹

RESUMO: Este artigo pretende examinar aspectos relevantes da neologia semântica no discurso falado do brasileiro e também refletir sobre a dependência entre este tipo de neologia e o contexto e/ou conhecimento de mundo partilhado pelos falantes. Para observar tal fato, foram analisados enunciados da coluna “Entreouvido por a”, do periódico *Revista O Globo*. Para basear nossa reflexão, utilizamos os estudos de Alves (1990) e Barbosa (1998) sobre neologismo. Por meio dos estudos teóricos de Borba (2003) sobre lexicografia e de Martinet (1971) sobre economia da língua, discutimos a polissemia e a produtividade do processo de neologia semântica.

PALAVRAS-CHAVE: neologia semântica, contexto, conhecimento de mundo, polissemia

ABSTRACT: This article intends to examine relevant aspects of the semantic neology in the Brazilian's speech and also reflect upon the dependence that this kind of neology creates with the context and/or the world knowledge shared by the speakers. To observe this fact, we analyzed speech extracts from the column “Entreouvido por a”, from the magazine “Revista O Globo”. As the basis of our reflection, we used the studies of Alves (1990) and Barbosa (1998) about neologism. Through the studies of Borba (1990) on lexicography and Martinet (1971) on language economy, we discussed polysemy and the productivity of the semantic neology process.

KEY-WORDS: semantic neology, context, world knowledge, polysemy.

1. Introdução

¹UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, aluna de graduação, email: beta.freitas@terra.com.br

A velocidade dos acontecimentos, o alcance da globalização e o avanço da tecnologia trazem novas informações a cada minuto. O mundo está em constante mudança e evolução. As pessoas são obrigadas a acumular e assimilar um montante de novidades e de informação cada vez maior e a língua que falamos será afetada por isso. A língua está também em constante evolução, acompanhando o que acontece na sociedade. Novas palavras surgem, velhas palavras deixam de ser usadas (tornando-se arcaísmos) e, assim, a língua se renova para atender às necessidades dos falantes. As novas palavras que surgem são chamadas de neologismos e podem ser formadas por diferentes processos.

O objetivo do presente trabalho é discutir a ocorrência de neologia, especialmente a neologia semântica, no discurso falado do brasileiro, principalmente das grandes áreas urbanas, e a relação de dependência que este tipo de neologismo cria com o contexto em que foi utilizado e também com o conhecimento de mundo partilhado pelos falantes. Pretendemos, com esse estudo, questionar a produtividade deste caso de neologismo na língua.

O processo de neologia semântica é muito comum no discurso falado e proporciona ao falante a satisfação de uma necessidade imediata de comunicação ao dar uma nova conotação a uma palavra já existente no léxico da língua.

O material selecionado como corpus de análise desta pesquisa foi a coluna “Entreouvido Por Aí”, seção do periódico *Revista O Globo*, por sua vez parte integrante da edição de domingo do jornal *O Globo*. A coluna é composta de frases ouvidas pelos leitores do jornal e enviadas para o endereço eletrônico da mesma. O corpus foi coletado por dois meses consecutivos, de 26 de agosto a 28 de outubro de 2007. O jornal é direcionado às classes média e média-alta das zonas urbanas, principalmente, e as contribuições para a coluna vêm, em sua maioria, dessas áreas. Diversos tipos de neologismos foram encontrados no corpus, entretanto, consideramos para a análise somente os neologismos semânticos. Foram considerados neologismos semânticos os termos encontrados nos enunciados já dicionarizados no Novo Dicionário Eletrônico Aurélio (versão 5.0, ano 2004) e cujo sentido não estava incluído no verbete. Do total de enunciados do corpus, analisamos somente a quantidade que achamos necessária para a compreensão do estudo proposto.

Para dar suporte à análise, utilizaremos os conceitos de Alves (2004) e o que a autora comenta a respeito de neologia em geral e, mais especificamente, a respeito de neologia semântica. Para complementar os estudos de Alves, utilizaremos também alguns conceitos de Barbosa (1998) sobre neologismo e os diferentes prismas sob os quais os neologismos podem ser analisados segundo a autora. Para analisar a

produtividade do processo de neologia semântica e os aspectos referentes à inserção de novas acepções ao dicionário, utilizaremos os estudos teóricos de Borba (2003) e Martinet (1971).

Neologia semântica no discurso falado

2.1 A língua em movimento

A língua está em constante evolução, apesar de aparentemente não percebermos que ela se modifica ao longo dos anos e também se manifesta de formas diferentes nas diferentes gerações que coexistem. Como falantes de uma língua, temos a impressão de que ela é estática. Essa aparência, no entanto, não é gratuita. Segundo Martinet (1971),

Tudo conspira para convencer os indivíduos da imobilidade e homogeneidade da língua que praticam: a estabilidade da forma escrita, o conservantismo da língua oficial e literária, a incapacidade em que se encontram de se lembrarem de como falavam dez ou vinte anos antes.

Entretanto, o autor refuta essa possibilidade e afirma que “a evolução dum língua depende da evolução das necessidades comunicativas do grupo que a emprega” (Martinet, 1971). O estudioso complementa ainda que esta evolução apresenta relação direta com transformações intelectuais, sociais e econômicas do grupo.

O processo de mudança lingüística, um processo de inovação que leva à mudança na língua, é sempre lento e gradual e por isso não é facilmente percebido. Os falantes da língua são responsáveis não só por novas criações lexicais mas também pela aceitação deste processo, pela adoção dessa inovação. O léxico é uma parte “viva” da língua, que está sempre aberta a inovações oriundas da diversidade dos seus usuários.

Como já afirmou a sábia Emília, personagem célebre das obras de Monteiro Lobato, “... as palavras também nascem, crescem e morrem como tudo mais” (Lobato, 2005). Dessa concepção, podemos chegar ao conceito de neologismo. Neologismo é o elemento resultante do processo de neologia, ou de criação lexical, e é criado para satisfazer a uma necessidade do falante, que não encontra um termo exato no léxico da língua para falar o que pretende ou não sabe denominar determinada entidade ou situação, ou ainda, como diz Martinet (1971): “Há momentos em que não se encontra a palavra, outros em que a fadiga física é grande e a fala se torna confusa”. De modo a atender às transformações socioeconômicas e culturais, a língua se vale da criação de novos termos, ou de novos significados para termos já existentes. Neologismos são, então, um reflexo do que está se passando na sociedade e retratam transformações políticas, econômicas, culturais etc.

De acordo com Alves (2004), há diferentes tipos de neologismo. Este trabalho tem como objeto de estudo os neologismos semânticos, produzidos no discurso falado do brasileiro das grandes áreas urbanas.

2.2 Neologia semântica – teoria e análise

Também chamado de neologismo conceptual, o neologismo semântico é criado “sem que se opere nenhuma mudança formal em unidades léxicas já existentes. Qualquer transformação semântica manifestada num item lexical ocasiona a criação de um novo elemento” (Alves, 2004). Muito comum na fala, a neologia semântica responde às necessidades imediatas de produção de sentido do falante. Carvalho (1998) acrescenta que “a maneira mais simples e econômica de surgimento de uma palavra não é através de construção e sim de mudança de sentido”, sendo a mudança semântica uma das grandes contribuições para a inovação lingüística. Alves subdivide os neologismos semânticos em alguns tipos, de acordo com o processo utilizado para a sua criação. São eles: o neologismo criado por metáfora ou por metonímia, o criado por sinédoque, os termos característicos de um determinado vocabulário e que extrapolam seus limites e integram outra terminologia ou a língua geral, e a gíria.

O sentido de uma palavra é criado a partir de mudanças sociais, de transformações na realidade. É o momento em que a linguagem está sendo utilizada que vai determinar a maneira de usá-la. Para Baccaga (2007),

Aprender a falar significa não apenas aprender a utilizar palavras que a sociedade nos entrega prontas, mas (deveria significar também) aprender a produzi-las. E aprender a produzi-las significa ter uma visão crítica da realidade em que se está inserido e, desse modo, participar do movimento rumo à construção de novas variáveis históricas.

Assim sendo, o neologismo semântico deve ser analisado sempre dentro de um contexto. Diferentes momentos poderão determinar diferentes sentidos para um mesmo item lexical. Na maioria das vezes, a compreensão de um neologismo semântico depende também do conhecimento de mundo partilhado pelos falantes. Para efetuar a análise do corpus, foi necessária também uma análise do contexto em que as frases foram produzidas. As frases que compõem o corpus são apresentadas no periódico seguidas de um breve comentário sobre o contexto em que foram produzidas. Sem este último, algumas falas seriam incompreensíveis.

A seguir, faremos um breve comentário sobre os processos de formação dos neologismos semânticos e analisaremos o contexto e conhecimento de mundo necessários para a compreensão do sentido do item lexical utilizado.

Um dos processos de formação de neologismos semânticos considerados por Alves (2004) é a metáfora. São numerosos os casos em que o neologismo semântico é criado desta forma, como vemos nos exemplos a seguir. Consideramos metáfora a “translação de significado motivada pelo emprego em solidariedades, em que os termos implicados pertencem a classes diferentes mas pela combinação se percebem também como assimilados” (Bechara, 2005).

Na frase: "Eu hein, amiga! A minha vista está cansada, mas a sua está exausta" a palavra *exausta* foi utilizada em relação ao adjetivo *cansada*, que, na expressão “vista cansada”, caracteriza problema de visão chamado presbiopia. O enunciador poderia estar fazendo uma comparação entre o seu problema de visão e o de seu interlocutor, afirmando que o problema do interlocutor é pior do que o seu. Entretanto, pelo contexto em que foi produzido o enunciado (“duas amigas na fila do restaurante do hotel Ouro Verde, em Copacabana, falando de um rapaz que (só) de longe parecia bonito”), entendemos que o termo foi utilizado como uma metáfora, causando ironia, como se a visão da amiga fosse tão ruim que não tivesse enxergado que o rapaz não era bonito de fato.

O verbo apertar em "Eu não gosto de nada que me aperte. Só homem" apresenta duplo sentido. No seu primeiro sentido, referente à primeira sentença, ou ainda, referente ao vestido que acaba de experimentar, o verbo não se caracteriza como neologismo visto que seu significado, “comprimir, premer, premir” está registrado no dicionário Aurélio. Já quando o termo se refere a homem, constitui-se uma metáfora e torna-se um neologismo, com o sentido de ser abraçada com violência ou de maneira forte por um homem.

"Querida, de tanto sofrer por amor meu coração nem bate mais, só apanha". O sentido de *apanhar* neste enunciado é construído por metáfora a partir do sentido de *bater*, que, no exemplo, se refere ao movimento involuntário do coração, com o sentido de “palpitar, pulsar”. *Apanhar* estabelece uma relação de ambigüidade, pois ao mesmo tempo em que se relaciona com este significado, produz um novo sentido para o termo que é o de sofrimento por decepção amorosa.

No caso de: "Só Jesus é jóia, o resto é bijuteria", *bijuteria* tem seu significado ligado ao significado de *jóia*, adjetivo, que qualifica Jesus como “pessoa ou coisa de grande valor, ou muito boa, ou de aspecto agradável”. Considerando o significado original de *bijuteria*, “ramo da ourivesaria que trabalha com obras baratas, de metal sem valor” e o significado original de *jóia*, “artefato de matéria preciosa, de metal ou de pedrarias e que se usa como adorno”, percebemos que o valor da bijuteria é menor que o da jóia. Esse

aspecto é utilizado para comparar Jesus e as outras pessoas no enunciado acima e transforma *bijuteria* em um neologismo semântico, pois assume o sentido de não ser *jóia*, que, neste caso, equivale a não ser de grande valor.

Um neologismo semântico também pode ser criado a partir da metonímia ou da sinédoque, segundo Alves (2004). A metonímia ocorre quando há substituição de uma palavra por outra, por apresentarem algum grau de semelhança, relação, proximidade de sentido ou implicação mútua. É a “translação de significado pela proximidade de idéias” (Bechara, 2005). Dentro desse processo, encontra-se a sinédoque, em que há substituição de um termo pelo outro, com ampliação ou redução do sentido usual da palavra. Um caso comum de sinédoque é o uso do nome próprio pelo nome comum, como vemos nos exemplos a seguir.

No exemplo: "Festa da Catiguria, a melhor roda de samba da cidade! O esquema vocês já sabem como é: Bebel paga três e Olavo, sete reais!", a compreensão dos neologismos *Bebel* e *Olavo*, depende do conhecimento de mundo partilhado pelos falantes, já que para entender o uso destes nomes, o falante deve estar a par da novela “Paraíso Tropical”, da Rede Globo, que estava no ar na época e que apresentava como um dos casais protagonistas o empresário *Olavo* e a prostituta *Bebel*. O uso dos nomes próprios para referir-se, respectivamente, a homem e mulher, caracteriza o processo de sinédoque.

Também no enunciado a seguir o enunciador utilizou-se do processo de sinédoque para criar um neologismo conceptual. O enunciado não seria de todo incompreensível sem a análise do contexto em que está introduzido, entretanto saber o contexto pode nos ajudar a captar a ironia do enunciador. A frase "A Branca de Neve vai querer o quê?" foi enunciada por um garçom anão, que, através da sinédoque, utiliza o nome próprio Branca de Neve para dirigir-se a uma cliente, pondo-se na posição de uma das anões da personagem da Disney. *Branca de Neve* aqui ganha o sentido de você ou senhora, por exemplo.

Também no enunciado "A única Aviação que dá certo no Brasil é a manteiga", temos um exemplo de neologismo semântico formado por sinédoque em *Aviação*. O termo é utilizado com ambigüidade e refere-se ao mesmo tempo ao sentido denotativo do termo, “sistema de navegação aérea por meio de aeródinos”, e, por metonímia, representa a marca de uma manteiga.

Outro tipo de neologismo semântico se encontra no vocabulário gíriático. Mostramos abaixo frases que apresentam termos que tiveram seu sentido denotativo isolados para serem utilizados como gíria, ganhando sentido figurado.

Em "Não gosto de andar vestida como patricinha, pra mim patricinha é aprendiz de peruca", podemos perceber dois exemplos de termos gíriáticos: *patricinha* e *peruca*. O primeiro é utilizado com o

sentido de “jovem do sexo feminino, que se veste com esmero e, ger., tem comportamento consumista” e o segundo como sinônimo de “mulher de aparência e comportamento exagerados”.

O termo *abacaxi* "Não, obrigado. Eu já sou um abacaxi", refere-se à fruta quando o enunciador a recusa e refere-se também a uma característica do enunciador, utilizado com o sentido de “coisa ou pessoa desagradável, maçante, chata”. O dicionário utilizado como referência apresenta registro para os três termos acima, sendo que os mesmos recebem status de gíria no mesmo.

É interessante neste ponto atentarmos para os estudos de Barbosa (1998) sobre neologismo. A autora complementa que não basta a criação de um novo termo (ou significado) para se ter neologia. A criação de um termo neológico passa por três fases, de acordo com a autora. A primeira fase seria a fase da invenção do termo em si. A segunda fase, ou momento pós-criação, refere-se à aceitabilidade do termo por parte dos falantes. Esta fase levará a mudanças na língua e a inserção do termo no léxico e no vocabulário de um grupo lingüístico. A terceira fase seria o momento de desneologização do termo, quando este obtém entrada lexical e é difundido entre os falantes. Para ela, há uma diferença entre neologismo de fala e neologismo de língua. O primeiro seria o momento da criação, em que o termo ainda não foi difundido. O neologismo de fala passa a ser um neologismo de língua quando é aceito pelos interlocutores e utilizado em outros contextos.

Barbosa (1998) concebe também uma análise dos neologismos sob diferentes prismas: diacrônico, diatópico, diastrático e diafásico, afirmando ser relativo o conceito neologismo. Do ponto de vista diacrônico, um neologismo criado em uma etapa da língua, se não desaparece, se integra à norma e se desneologiza. Relatos de época como jornais e revistas podem mostrar neologismo de uma determinada etapa da língua. Segundo a perspectiva diatópica, um neologismo pode ser restrito a uma determinada região ou um vocábulo exclusivo de uma região pode passar a ser usado em outra região com função neológica. Já do ponto de vista diastrático, vocábulos característicos de uma camada social podem ser introduzidos em outra camada como criação lexical. E ainda, sob um prisma diafásico, um termo específico de uma área de conhecimento restrita pode ser adotado em outra área ou no discurso geral.

Posto isso, os exemplos de neologismos gíriáticos supracitados poderiam ser encaixados num estudo diacrônico, pois já foram neologismo um dia e, hoje, já se encontram registrados no dicionário, obtiveram entrada lexical e já se desneologizaram. O próximo exemplo também se enquadra nesse caso.

"Hoje não tomo mais nada. [Não tomo] Nem condução para ir para casa". Este enunciado apresenta um exemplo de neologismo diacrônico no verbo *tomar*. Hoje em dia, *tomar* já tem os dois significados aí apresentados dicionarizados, mas pode-se afirmar que um dia esses dois significados já

fizeram do verbo em questão um neologismo semântico. O sentido denotativo do verbo, “pegar ou segurar em; empunhar”, foi isolado para que outros sentidos figurados surgissem, tais como os sentidos no enunciado acima: “beber, ingerir” e “entrar em veículo e nele seguir viagem”, respectivamente.

2.3 Inserção no léxico

Se os neologismos anteriormente citados forem ocorrerem com bastante frequência, ganham entrada lexical, ou seja, são inseridos em obras lexicográficas e passam a fazer parte do acervo lexical de uma língua. No entanto, a inserção de um termo em um dicionário passa por certa arbitrariedade, alguns itens lexicais frequentemente utilizados são esquecidos e outros não tão difundidos entram nos dicionários. Todavia, concordamos com Alves (2004) quando explica que “apesar das arbitrariedades manifestadas pelos dicionários, eles simbolizam o parâmetro, o meio pelo qual decidimos se um item léxico pertence ou não ao acervo lexical de uma língua”.

2.4 Produtividade e polissemia

O processo de neologia semântica pode levar à polissemia. Unidades lexicais originalmente monossêmicas foram se tornando polissêmicas ao longo dos anos, com a adição de novos sentidos ao seu verbete, o conjunto de semas de uma lexia é ampliado e as acepções se multiplicam neste processo. A polissemia é uma propriedade do signo lingüístico, pois sua arbitrariedade, ou seja, pelo fato de um nome não se ligar à coisa, parece natural que um mesmo significante represente diversas coisas (Borba, 2003). De acordo com Carvalho (2006), a polissemia é ainda “um traço fundamental da fala humana, o que nos dá liberdade de pensamento e de expressão”. Ela depende do contexto e associação para ocorrer e consiste na produção de novos significados a partir da expansão ou restrição de significado (metonímia) ou na associação por semelhança (metáfora). Os novos significados normalmente têm sentido figurado. Fica difícil determinar qual o sentido original de um item lexical, pois cada sentido se dá em um determinado contexto. Comumente considera-se original ou denotativo a primeira acepção do verbete do dicionário. As alterações semânticas são mais frequentemente causadas por novas necessidades e a partir da polissemia uma evolução semântica poderá ser iniciada. Está aí, em grande parte, a produtividade do processo de neologia semântica, ou seja, na polissemia que leva à evolução semântica, acompanhando evoluções na sociedade. Bechara (2005) atenta para a necessidade de não se confundir a polissemia léxica com variação semântica no falar,

“que consiste na diversidade de acepções (sentidos) de um mesmo significado da língua segundo valores contextuais, ou pela designação”.

Os mecanismos de neologia semântica contribuem também para economia da língua. De acordo com este princípio,

Realiza-se um equilíbrio entre as necessidades de comunicação, que requerem unidades mais numerosas, mais específicas, cada uma das quais apareça com menor frequência nos enunciados, e a inércia do homem, que o leva a empregar um número restrito de unidades de valor mais geral e de uso mais frequente (MARTINET, 1971).

Através do uso de metáforas ou metonímias, recursos altamente disponíveis na língua os usuários estão aptos a falar sobre entidades mais vagas ou sobre as quais não possuem profundo conhecimento. Não há uma relação única entre um item lexical e uma unidade de referência, um mesmo item pode se relacionar a diversos conceitos ou referentes. Uma mesma palavra pode denotar unidades completamente diferentes. A eficiência da língua está justamente nesta possibilidade de atribuir diversos sentidos a uma mesma palavra. Caso contrário, teríamos que memorizar diferentes termos para cada idéia a que nos referíssemos. A economia em si se encontra na facilidade de compreensão das novas acepções dadas a um termo: o falante é capaz de compreender novos sentidos através do contexto (intra ou extralingüístico) e é também capaz de denominar entidades que não conhece usando palavras que denominem outra entidade e ser entendido.

No presente trabalho, pudemos comprovar também a produtividade da neologia semântica na criação de ironia e ambigüidade propositais, próprias do discurso falado coloquial. No caso da gíria, a contribuição da neologia semântica é ainda maior, pois certas palavras de uso comum são utilizadas em sentido figurado, e expõem o reconhecimento de um grupo em detrimento a outros grupos que não saberão reconhecer o sentido desejado. Neste caso, a neologia semântica é um artifício para a identificação de um grupo de falantes.

3. Considerações finais

Diante do exposto, podemos observar que o estudo da neologia semântica no discurso falado mostra como o falante pode ser criativo e ao mesmo tempo perfeitamente entendido por seus interlocutores. O processo de neologia semântica acompanha as necessidades dos falantes e leva à evolução semântica. Podemos analisar também a produtividade deste processo, tanto em relação à economia da língua quanto em relação à sua evolução. Pretendemos mostrar aqui a frequência do uso de neologismos semânticos e também os elementos necessários à sua compreensão. Pudemos perceber que os sentidos evoluem e devem ser sempre estudados em contexto.

Este estudo foi apenas o começo de uma reflexão sobre a produtividade de neologia semântica, baseado em neologismos de fala que ainda não contribuíram para a polissemia mas que podem vir a fazê-lo. Sugere-se que outros estudos podem aprofundar a pesquisa e complementar as idéias aqui apresentadas.

4. Referências Bibliográficas

ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**. São Paulo: Ática, 1990.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo: Ática, 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

BARBOSA, Maria Aparecida. Da neologia à neologia na literatura. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998.

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: UNESP, 2003.

CARVALHO, Nelly. Neologismos na imprensa escrita. IN: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande: UFMS, 1998.

_____. A criação neológica. **Revista Trama**, v.2, n.4, p. 191-203, 2º semestre de 2006. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/viewPDFInterstitial/681/574>>. Acesso em 28 de novembro de 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio**. Versão 5.0, CD-ROM. Rio de Janeiro: Positivo Informática Ltda, 2004.

LOBATO, Monteiro. **Emília no país da gramática**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MARTINET, André. **Elementos de Lingüística Geral**. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1971.

Revista O Globo. n. 160 a 170, 26 de agosto a 28 de outubro de 2007.